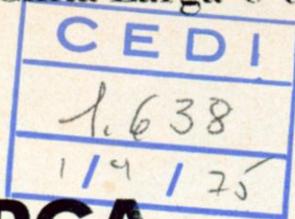




“Às vezes, é mais difícil pacificar um civilizado.” JOÃO AMÉRICO PERET, autor desta reportagem, é um sertanista tarimbado, profundo conhecedor dos índios Cinta-Larga e das selvas, onde trabalhou 23 anos



O "Croteiro"
19-1-72

CINTA-LARGA

A

PACIFICAÇÃO FRACASSADA

Fotos em cores de HÉLIO JORGE BUCKER

“Os índios estão atacando na estrada perto de Marco Rondon”, repetia Chico Tôres, chefe de garimpeiros no rio Barão de Melgaço. Ele chegou em companhia do sargento Pinheiro, comandante da Base Aérea de Vilhena e que, um ano antes, salvara de possível extermínio os moradores da velha estação telegráfica construída pelo marechal Rondon, onde estávamos.

O garimpeiro, que mudou completamente de atitude depois que conseguiu apaziguar os ânimos em Marco Rondon, falava de olhos abertos, contando estórias que mais pareciam fruto de sua imaginação:

— Os selvagens, completamente nus, estavam saqueando um caminhão enguiçado perto da gleba Colambra, do sr. Elias Rachid; passei com meu carro a toda velocidade e eles ainda correram atrás, tentando me alcançar. Estão indo para Marco Rondon e a população está em pé de guerra... vai ser uma catástrofe!

Isso ocorria no dia 30 de julho de 1968, às 23 horas. Nesse dia, eu passara separando o material destinado às duas frentes de pacificação da “Operação Cinta-Larga”, programada pela Funai: uma, chefiada por mim, saindo de Vilhena, Mato Grosso; e a outra, chefiada por Francisco Meireles, que sairia de Pimenta Bueno, em Rondônia.

Nosso objetivo era a “Cidade de Palha”, composta de 21 aldeias dos Cinta-Larga, a qual havíamos localizado de um avião do Ministério do Interior, na região dos rios Roosevelt e Capitão Cardoso.

Com a notícia trazida por Chico Tôres, a empreitada ficaria mais simples para mim. Assim pensava eu, por julgar que entraria em contato com os índios. Meu pessoal auxiliar chegaria sô-

mente no dia imediato, mas eu havia separado algum material destinado a brindes para os índios. Então, aceitei a carona oferecida pelo garimpeiro e, já alta madrugada, percorremos os 130 quilômetros que nos separava de Marco Rondon.

FRENTE A FRENTE COM OS ÍNDIOS

O dia amanhecia, quando consegui convencer os moradores de Marco Rondon de que teria condições para resolver o problema, estabelecendo contatos amistosos com os índios. A tarefa não foi fácil, pois estavam todos assustados e dispostos a emboscar os Cinta-Larga. Nada conheciam de índios e por isso poderiam provocar sério conflito, mesmo que os índios viessem em missão de paz. A serviço da Funai, a finalidade do meu trabalho era pacificar... E como foi difícil abrandar os ânimos daqueles “civilizados”!

Consegui uma carona num caminhão gradeado, destinado ao transporte de gado. O chofer, apavorado com a notícia que corria sobre os Cinta-Larga, não quis prolongar por mais tempo sua permanência ali: fechou-se na boléia e só parou quando lhe dei o sinal. O homem baixou um pouco o vidro e perguntou:

— Que devo fazer? Estou com um medo danado!

Parecia uma criança assustada. Pedi-lhe que esperasse que eu desembarcasse a minha carga, aconselhando-o, dado o seu visível pavor, a fechar o vidro e seguir em frente.

Foi então que ouvi um tiro de espingarda, vindo da gleba Colambra. Olhei e vi, contrastando com o verde do descampado ao lado da estrada, um grupo de pessoas de pele acobreada, compos-

to de homens, mulheres, crianças e adolescentes. Eram os altivos Cinta-Larga e não traziam armas.

Corriam em curto acelerado, tranqüilos, sem muita pressa e sem medo. Passaram junto a uma cabana e um dos guerreiros, retirando o próprio cocar, atirou-o, num largo movimento, no interior da cabana, como brinde. O grupo não parou e pouco depois desaparecia na selva. Tudo muito rápido, mas profundamente marcante. Essa a minha impressão.

Joguei no chão os instrumentos de trabalho que coocara na carroceria do caminhão e pulei... Não queria perder aquela oportunidade. O chofer acelerou a viatura e arrancou. Vi então um homem seminu que vinha correndo no encalço dos índios. Estava desarmado e brandia seu chapéu de palha, tentando atrair a atenção dos silvícolas.

Quando me viu, “Baiano” — como o chamavam na região — veio ao meu encontro. Não sabia que eu era funcionário do Governo encarregado de manter contato com aqueles índios. Propôs-me que eu fosse atrás do grupo para dialogar e travar amizade.

Enquanto transportávamos o material para a sua cabana, a mesma onde o índio atirara seu cocar, expliquei-lhe o motivo de minha presença ali. E nós dois, carregando ferramentas e utensílios de cozinha, saímos na trilha dos Cinta-Larga.

ASTÚCIA NAS MATAS

Seguimos os vestígios bem visíveis dos índios: galhos e cipós quebrados e papéis cortados para fazer cigarros, talvez apanhados em alguma barraca de branco. A trilha es'ava fácil demais para um sertanista como eu, tarimbado, com 23

anos de trabalho nas selvas. Investiguei com mais atenção e vi que os rastros deixados eram apenas de dois guerreiros, feitos com o propósito de confundir-nos.

Voltamos e encontramos o local exato onde começara aquela farsa. O grosso do grupo tinha seguido em outra direção. Seguindo as pegadas, agora verdadeiras, fomos encontrando objetos que haviam apanhado nos barracos por onde haviam passado e que, a princípio, julgaram ser alimentos: um latão de lubrificante, uma panela com feijão mal cozido, um pouco de café moído e um punhado de sal. Aquê grupo não conhecia ainda — e nem aceita agora — sal e feijão. Tais iguarias não fazem parte da sua mesa.

A noite já se avizinhava, quando regressamos, sem ter logrado encontrá-los. No barracão de onde partira o tiro, eu soube depois do que acontecera. Os índios haviam surgido na outra margem da estrada e, tranquilamente, se dirigiram para lá. Os moradores eram duas mulheres, um homem e um menino, que buscaram logo refúgio seguro.

Os Cinta-Larga visitaram a cabana e foram apanhando objetos, colocando em troca alguns adornos. Nem flechas tinham! Na cozinha, foram provando o que lhes parecia comida e recolhiam o que lhes agradava ao paladar. Num dado momento, um índio tentou entrar no quarto onde estavam as mulheres e uma delas, aterrorizada, fez um disparo de espingarda.

O homem, escondido na boléia de um velho caminhão, buzinou com insistência. O disparo e o som rouco da buzina assustaram os índios, que saíram correndo. Um lavrador que estava na roça veio correndo para tentar entrar em contato com eles. Foi assim que perdi a grande oportunidade de travar contato com os Cinta-Larga. Mandei uma mensagem para Marco Rondon e continuei na busca pelas imediações. Descobri um valão e ali estavam um arco, duas flechas e uma borduna, que recolhi para facilitar os estudos sobre esses grupos.

Quando, mais tarde, cheguei a Marco Rondon, encontrei novamente a população alvoroçada e preparada para lutar. Um chofer que por ali passara havia dito que os Cinta-Larga estavam atacando nas imediações, que eu tinha sido assassinado e que os índios, em pé de guerra, haviam queimado as cabanas. Falavam até de um grupo de mais de 200.

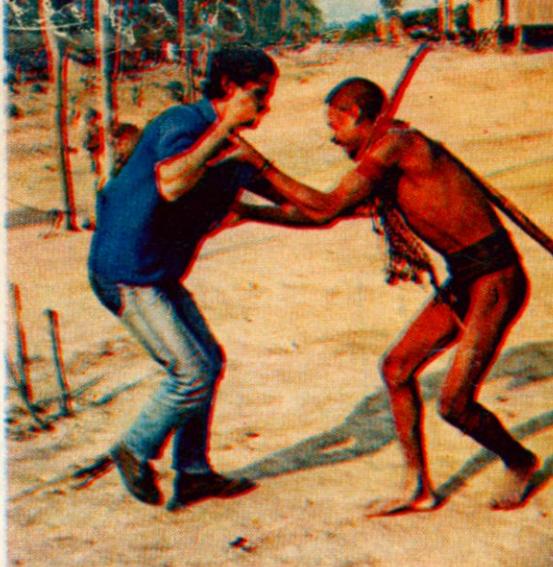
Tudo fiz para acalmar os ânimos, mas nem a minha presença ali conseguiu convencer os moradores de que nada de grave havia ocorrido. Tive que ir até Pimenta Bueno e trazer o delegado Ladislau Nunes, com seu pessoal; êle conseguiu desarmar homens e mulheres.

OS ÍNDIOS QUE EU VI

Os índios que eu vi eram bastante robustos: mediam aproximadamente 1,70m de altura, eram espaduados, tinham quadris estreitos devido ao uso constante das cintas que lhes dão o nome, pernas finas e cabelos longos sobre os ombros. Aqui cabe uma observação: tais grupos isolados sempre trazem os cabelos compridos e só os cortam em sinal de luto. Isso é válido para homens, mulheres e crianças, com exceção dos jovens no período da puberdade.

Os homens traziam no púbis uma proteção de palha nova de buriti, que se assemelha a um pequeno chapéu e desce em tira encurvada. Nos grupos Parintinti tal proteção é chamada de caá. Alguns traziam cocar de penas curtas e braçadeiras estrangulando o bíceps; outros usavam tornozeleira que parecia trançada com fios de algodão.

Em alguns, notei também que tanto homens como mulheres usavam pintura de jenipapo, de cor azulada, formando malhas. Alguns traziam cofares de sementes ou partículas de côco; outros substituíam a faixa larga da cintura por várias voltas de um cinto de fibras de côco. Algumas mulheres carregavam os filhos escarranchados nas



Índio Cinta-Larga tentando levar o delegado da Funai, Hélio Jorge Bucker, para ir visitar uma de suas aldeias, coisa que até hoje nenhum sertanista conseguiu.

ilhargas e apoiados em uma banda de trançado de fios de algodão, como se fôra uma faixa de pano. Todos eram de cor bronzeada.

Naturalmente, êsse grupo estava em missão de paz. Os índios de grupos isolados periodicamente abandonam suas aldeias e saem em busca de aventuras que incluem caçadas, contato com brancos, enfim "turismo" à moda deles. Dessas surtidas, a mais perigosa é a aproximação com o branco, que geralmente não compreende as intenções dos índios. O grupo que eu vi não trazia armas e, certamente, todos tinham fome, por se encontrarem longe de suas aldeias e muito próximos das estradas.

Pela quantidade de aldeamentos que sobrevoamos, pelo tamanho das choças que comportam até 150 pessoas, os índios Cinta-Larga podem ser considerados uma nação de grande densidade populacional, não sendo absurdo admitir que sejam superiores a cinco mil, em toda a região onde habitam. Suas aldeias são construídas no meio de uma grande lavoura e êles gostam de viver em áreas de densas florestas e matas ciliares (vegetação marginal de rios, lagos e lagoas).

Localizam-se principalmente no município de Aripuanã, em Mato Grosso, estendendo seus domínios desde a margem esquerda do rio Juruena, ultrapassando o rio Aripuanã, até alcançar a margem esquerda do rio Roosevelt, já no Território de Rondônia.

A maior densidade de seus aldeamentos está situada entre os rios Roosevelt e Capitão Cardoso, que depois toma o nome de Tenente Marques, ao norte de Vilhena. É uma região de boa caça, terra fértil para a lavoura, rica em madeira de lei e seringais, além de minérios, sobretudo cassiterita, ouro e diamante.

Seus vizinhos são: os índios Arara, Erigpaciá, Nhambiquara dos vários grupos — Nenê, Tautê Anuzê, Tagnani e Mama'ndê. Constatamos que as características físicas e culturais dos índios com que os Meireles conseguiram fazer um contato eventual, os Suruí, são semelhantes aos dos Nhambiquara, o que nos leva a acreditar que pertencem ao mesmo grupo étnico, muito embora o costume de cobrir o sexo seja também encontrado entre os Parintinti do baixo Madeira.

AGRESSIVIDADE VEM DO BRANCO

Possivelmente devido aos grandes desgastes provocados pelos sucessivos contatos com frentes pioneiras, os Cinta-Larga se mostram, às vezes, agressivos. Tem-se notícia de que êsses índios tiveram seu território invadido milhares de vezes. A ambição leva às áreas dos índios toda sorte de aventureiros: gateiros, coletores (borracha, castanha), garimpeiros e grileiros. As invasões mais conhecidas são as dos rios Juina-Mirim, Camararé, Ikê, Aripuanã, êste com três fren-

tes: as do Campo 21, Serra Morena e Dardanelos, além de Pedra Bonita, no Juruena; Roosevelt, Rinzinho, Igarapé de Lourdes, os três últimos em Rondônia.

É bom lembrar que no passado mais remoto os Cinta-Larga visitaram algumas estações telegráficas instaladas pela Comissão Rondon. Salvo pequenos sustos, não houve atritos. Podem ser citadas as estações de José Bonifácio, Três Buritis, Campos Novos, Barão de Melgaço, Vilhena, todas montadas pelos idos de 1907 a 1910. Quando surgia atrito, êste era sempre provocado por pessoas irresponsáveis ou intrujões, como é o caso que relataremos a seguir.

TRES BURITIS

Formada a equipe, composta de índios Nhambiquara, saímos de Vilhena em direção à antiga estação telegráfica de Três Buritis. Não foi preciso abrir picadas de penetração, pois seguimos as trilhas abertas em 1910 pela Comissão Rondon, o que dispensou até mesmo o uso da bússola. Desde os primeiros dias da penetração, começamos a encontrar vestígios da presença, recente, dos Cinta-Larga na região.

Para evitar qualquer surpresa, eu viajava sempre duas horas na frente da expedição. Nos últimos dias da viagem, já perto de Três Buritis, sentimos que estávamos sendo seguidos. Os índios nunca se aproximaram, davam apenas sinais de que estavam ali nos vigiando...

Finalmente chegamos ao ponto desejado e acampamos ali, nos escombros carbonizados da antiga estação telegráfica. Nosso companheiro Nhambiquara Nenê conheceu tudo aquilo, pois trabalhava na estação, que foi queimada, em 1955, pelos Cinta-Larga. Então êle contou:

Os índios costumavam visitar a estação, aonde chegavam de surpresa. Quando chegavam, os brancos já se tinham refugiado em suas casas. Os índios brincavam, carregavam galinhas, mas sem causar qualquer dano físico ao pessoal do posto.

Certa vez, sua chegada foi tão rápida que não deu tempo de fecharem a estação. Os Cinta-Larga entraram, confraternizaram com o telegrafista, visitaram as dependências da casa e apanharam alguma ferramenta. Quando já iam embora, um jovem índio viu um cachorro e gostou dele.

O animal pertencia a um garimpeiro que andava por aquela região. O dono maltratava o cachorro, um vira-lata manso que já tinha o rabo e as orelhas cortados. O índio se fez amigo do cão e resolveu levá-lo para a sua aldeia. Aí começou a tragédia: o garimpeiro de maus bofes matou o índio com um tiro nas costas, desencadeando a guerra...

Durante a noite os índios apanhavam seus mortos e feridos e os brancos e seus auxiliares Nhambiquaras aproveitavam para fugir. Mas três crianças não puderam escapar e ali permaneceram escondidas. Eram meninas Nhambiquara, que viram quando os Cinta-Larga queimaram totalmente a estação.

Quando a estação não era mais que escombros fumegantes, os índios não mais voltaram. As meninas então saíram do seu esconderijo e, viajando sempre durante a noite, seguiram para Vilhena, onde só chegaram duas, pois uma delas morreu de fome pelo caminho.

E aqui o nosso companheiro Nhambiquara termina seu relato.

Prosseguindo em nossa expedição, chegamos à foz do rio Festa da Bandeira, no Roosevelt. Ali instalamos o primeiro pólo de atração. Quando saímos, depois de ter deixado o material para os índios, ateamos fogo ao capinzal para chamar a atenção deles. Montamos um segundo pólo em Três Buritis e o terceiro no rio Tenente Marques, usando sempre o processo da queimada para infirmar os índios de nossa retirada.

Finalmente, chegamos a Vilhena, nosso centro de operações. Estava assim encerrada a primeira etapa do processo de pacificação dos Cinta-Larga.

A atração ou pacificação de índios só é completa quando o sertanista vai às suas aldeias, caso ainda não registrado com os Cinta-Larga, até a presente publicação.